

O ensino da língua portuguesa na escola: o trabalho com textos.

Alexandre Henrique Delpech

Introdução

Este trabalho, serve como base à seguinte problematização : o trabalho com textos facilita o ensino da Língua Portuguesa na escola?

Nesta apresentação, traremos o poema: “A educação pela pedra”, de João Cabral de Melo Neto, cuja análise servirá para ilustrar didaticamente os exemplos demonstrados em nossa teoria, como forma de reafirmar a necessidade de se trabalhar o texto literário, com qualquer conteúdo que esteja sendo apresentado em aula, para que se possa explorar a contextualização, no intuito de promovermos formas mais agradáveis de lecionar.

Compararemos esta proposta com uma proposta tradicional, ministrada em algumas aulas de morfologia, onde a prática docente se dá com palavras sem um contexto, colocadas no quadro, com suas respectivas derivações e significados.

Para defender nossos argumentos, além do poema de Melo Neto, utilizaremos os textos teóricos de Bakhtin, Beth Brait, Celso Pedro Luft, Paulo Coimbra Guedes e Paulo Freire; assim como uma pequena mostra do que se nos apresentam os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa para o Ensino Médio em seu conteúdo: “sentido do aprendizado na área”.

O texto literário de apoio x um pretexto

A educação pela pedra

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, freqüentá-la;
captar sua voz inefática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir , a ser maleada;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições de pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.
Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.

(João Cabral de Melo Neto)

A leitura deste poema reportou-me a algumas aulas de Língua Portuguesa que já tomei conhecimento. No próprio título recordei-me – talvez pela relação pedra / apedrejar: que lembra prefixo, radical, sufixo, etc – a forma pela qual são ministradas algumas aulas de morfologia. como podemos observar nos exemplos dados abaixo, representando a simulação de uma destas aulas.

Raiz e	Vogal	
Radical	temática	
←.....→	←.....→	=> Substantivo comum, concreto, feminino, simples, primitivo.

Semântica do produto: Formação rochosa, mineral lapidado, quadro negro; fig: o que é duro, insensível.

Raiz e

Radical Sufixo
← Pedr → ← eira → => Substantivo comum, concreto, feminino, simples, derivado.

Semântica do produto: Lugar no qual a pedra é extraída.

 Raiz V.T. Sufixo
 ← → ← →
← Apedrej a mento => Subst. comum, abstrato, masculino,
 | | |
 | Radical | simples, derivado, com formação sufixal a partir
 | | |
 | | |
 da Base

Semântica do produto: nome dado ao ato de apedrejar alguém ou alguma coisa.

Assim também teríamos: apedrejado, empedrar, empedrado, empedramento, pedregulho, pedregoso, pedreiro, pedrento e pedroso; todos exemplos possíveis de realização em língua portuguesa, ilustrados com o intuito de demonstrar como seria apresentada uma aula tradicional de Morfologia da Língua Portuguesa, em detrimento de uma possível aula da matéria em questão, apresentada com o apoio do texto literário.

A partir deste pressuposto é nosso intuito apresentar uma linha de análise improvável, do ponto de vista da Teoria Literária, mas

possível, com base nos argumentos dos teóricos da educação que discutiremos neste ensaio.

Quando dizemos improvável, é porque sabemos que literariamente não se deve analisar poemas pelo ponto de vista retórico-discursivo-semiótico, sob pena de sofrermos com os críticos que classificam, tais analistas, como portadores de devaneios analítico-literários; ou seja, deve-se fazer a análise da obra, pela palavra que esta verdadeiramente contenha.

Contudo esse ponto de vista que pretendo discutir aqui: comparar as duas estrofes do poema de Melo Neto com algumas formas de pedagogia utilizadas possivelmente por alguns professores de Língua Portuguesa, poderá ser de fácil aceitação, uma vez que utilizemos os textos teóricos de apoio, mencionados em nossa introdução.

A análise didático-pedagógica da primeira e segunda estrofes

Se a dureza e insensibilidade retratadas na palavra pedra, também correspondente a quadro negro, reflete-se nas lições da pedra, em frequentar as aulas e na “voz inenfática” (por lições de dicção, de moral, de poética e de economia), que vindo “de fora para dentro”, pode nos remeter ao professor e reflete-se na “cartilha muda, para quem soletrá-la” (o aluno talvez), então nossa análise apontará a primeira estrofe do poema como um exemplo de pedagogia tradicional ou liberal, criticadas tão enfaticamente na teoria libertadora do professor Paulo Freire. Mas para um maior embasamento do que

seria essa educação bancária, exemplificada na “simulação de aula de morfologia” que introduz este trabalho, vejamos o que diz o professor Paulo Coimbra Guedes, em suas duras críticas – aos educadores de um modo geral e aos professores de Língua Portuguesa em particular – no artigo que escreveu para a revista educativa *Organon* n.º 25: *Desde a direção que ameaça punir – às vezes pune – quem escreveu palavrões nas paredes da escola, passando pelos professores – às vezes até mesmo os de Português – que deploram a qualidade da leitura e da escrita dos alunos sem nada terem feito a favor dessa qualidade, que cometem erros de ortografia nos quadros de suas salas de aula e reclamam da ortografia dos alunos, chegando à servente que repreende as alunas dizendo que moça não grita, que só vileira fala daquele jeito, ao vigia que exige que os alunos o chamem de senhor, todo mundo exercita o “natural” direito de dar o seu palpite “educativo” sobre a mais adequada conduta lingüística. Nenhum dos outros conteúdos tratados na escola, enfim, é tão desgraçadamente ‘interdisciplinar’ quanto Língua Portuguesa e nenhuma mais do que ela está tão nocivamente presente no ‘currículo oculto’ da escola. Além disso, nenhuma outra é tradicionalmente orientada por uma política didático-pedagógica que se tenha tornado historicamente tão sem sentido e tão distante de sua finalidade original e que tenha sido desde sempre tão incompatível com a promoção da cidadania. Estes – citados pelo professor – e muitos outros fatos, são lições da pedra (de fora para dentro, cartilha muda), para*

quem soletrá-la; num pastiche literal de Melo Neto, para resumir nossa análise da primeira estrofe.

Quanto a segunda estrofe, poderíamos dizer que esta seria eficiente, enquanto defensora de uma pedagogia libertadora? Talvez, vejamos: *Outra educação pela pedra: no Sertão/ (de dentro para fora, e pré-didática)*. A palavra “outra”, desta segunda estrofe, em oposição à palavra “uma” da primeira estrofe, traz um indício semântico de que toda a estrofe que se inicia será contrária à estrofe anterior.

Os quatro versos que se seguem, nesta estrofe, vêm reafirmar essas idéias, acrescentando o que Bakhtin denominou para o enunciado como situação social complexa, atribuindo isto ao fato de que “o homem emerge do outro”. *Quando falamos, não estamos agindo sós. Todo locutor deve incluir em seu projeto de ação uma previsão possível de seu interlocutor e adaptar constantemente seus meios às reações percebidas do outro. Como decorrência mesmo desta reciprocidade, toda a ação verbal toma a forma socialmente essencial de uma interação. ‘Nenhum enunciado em geral pode ser atribuído apenas ao locutor: ele é produto da interação dos interlocutores e, num sentido mais amplo, o produto de toda esta situação social complexa, em que ele surgiu’* (Bakhtin, in Todorov, 1981, p.50). A língua é viva, por isto está sempre em movimento e, principalmente por viver, vem de dentro para fora como todas as demais coisas do sujeito. Temos então no poema de Melo Neto, por um lado, na pri-

meira estrofe, a gramática como objeto de ensino e opressão; por outro, a língua como instrumento de comunicação e liberdade.

Conclusões.

Se à primeira estrofe nos reportamos como defensora de uma pedagogia tradicional, que lembra as aulas de gramática, nas quais se aplicam as palavras fora de contexto (sem a utilização de textos, quaisquer que sejam); à segunda denominaremos libertadora ou libertária, por ser esta “pré-didática”; assim – fazendo bom uso deste texto – poderíamos pedir que os alunos destacassem esta palavra e, em seus cadernos, anotassem: pré+didat+ica, explicando sua formação: pré (prefixo) = o que vem antes de; didat (raiz) – didata (base) = o que aprende; ica (sufixo) = formador de substantivo (às vezes com sentido de derivação de grau: no diminutivo). Isto poderia ser feito também com as palavras: inenfática, impessoal, maleada, carnadura, poética, nascença, e todas as várias formações verbais existentes no poema.

Trazemos portanto a seguinte sugestão: já que há uma iminente necessidade de trabalharmos o ensino da língua portuguesa, em todos os seus níveis, também em todas as suas divisões gramaticais, a partir do texto – primando pela leitura, compreensão e interpretação deste texto, com base no conhecimento de mundo dos alunos e preferencialmente com temas de interesse comum à maioria desses alunos – então façamos isso; utilizando-nos sim dos clássicos, mas sem abrir mão do que há de popular, como por exemplo: as letras

das músicas, as tiras anedóticas dos jornais e das revistas, os quadros e tudo mais que possa despertar a atenção e o interesse dos alunos; assim como, primando pela boa utilização dos mais diversos recursos tecnológicos que forem possíveis disponibilizarmos.

Referências Bibliográficas

BRAIT, Beth. **In:** Bakhtin, dialogismo e construção do sentido. Campinas: UNICAMPI, 1997.

BRASIL, República Federativa do. Minidicionário de língua portuguesa. Brasília: MEC/SEMT, 2001.

BRASIL, República Federativa do. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio – Língua Portuguesa, Brasília: MEC/SEMT, 1999.

FIORIN, José Luiz e BARROS, Diana luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Mokhail Bakhtin. Internet, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

GUEDES, Paulo Coimbra. A língua Portuguesa e a cidadania. Rio grande do Sul: Organon 25 – Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Vol. 11, N. 25, 1997.

LUFT, Celso Pedro. Língua e liberdade: por uma nova concepção de língua materna e seu ensino. Porto Alegre: L&PM, 1984

MELO NETO, João Cabral de. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p.338.

MOISÉS, Massaud. Dicionário de Termos Literários. São Paulo: Cultrix, 1999.

VERÍSSIMO, Luiz Fernando. **In:** O Gigolô das Palavras. Apud: LUFT.